

5 MEB E ALFABETIZAR(SE): ENTREVISTA COM RITA ACCIOLY TESSER¹²

Entrevistador(a):¹³ Rita, nós gostaríamos que, ao longo da entrevista, você fizesse uma relação entre suas experiências no MEB (Movimento de Educação de Base) e no Alfabetizar(se). Para começar, pedimos que você nos conte sua experiência no MEB.

Rita: A minha experiência no MEB teve início em 1961 e foi até 1966. Fiz parte da equipe de coordenação estadual do MEB, no Ceará. Tive uma participação em todas as fases de trabalho do MEB desde a programação das temáticas das aulas, da formação dos monitores, supervisão e acompanhamento. A equipe estadual coordenava os sistemas radiofônicos de várias regiões do estado, como por exemplo, Sobral, Limoeiro e Crato. Esta coordenação exigia um trabalho intenso, inclusive aos sábados e domingos. Nosso engajamento era de corpo e alma. Foi uma experiência muito rica e extremamente interessante.

Entrevistador(a): Ritinha, você estava comentando agora que aprendeu muito. Foi uma experiência muito intensa. Quais as coisas mais importantes que você aprendeu nessa experiência do MEB?

Rita: A coisa que eu acho mais importante foi a nossa relação com o trabalhador rural. A forma como a gente atuou com um respeito muito grande ao trabalhador: uma preocupação de ouvi-lo, de partir de sua realidade de vida, antes de qualquer trabalho educativo. Quer dizer, qualquer

¹² Rita Accioly Tesser participou do programa Alfabetizar(se) como um dos membros da coordenação e como professora alfabetizadora.

¹³ Esta entrevista foi realizada no dia 21 de dezembro de 2005, tendo participado como entrevistadores os professores Inês Mamede, Mercedes Capelo, Maria Teresa Guimarães e Ozir Tesser.

trabalho educativo ou de formação tinha um conteúdo desenvolvido em função da realidade vivida por eles, das dificuldades econômicas, dificuldades que eles tinham do ponto de vista de não serem alfabetizados, de precisarem de tudo, a saúde precária, de não ter escola, de não terem nenhuma forma de organização, de não haver aquelas lideranças que atuassem junto aos povoados. Então, a gente partindo dessa realidade vivida por eles montava toda a nossa base de informação, de programação, tanto no tocante à preparação dos monitores como do próprio conteúdo que a gente pretendia transmitir e discutir com eles. Nosso trabalho partia de dentro da comunidade. Em geral, um pequeno povoado onde quase não tinha uma estrutura de apoio. Tinha o padre que passava lá de vez em quando e uma professora primária. E aquele povo solto. Eu acho que nesse ponto, a gente fez, em alguns lugares, um trabalho bastante interessante de motivá-los a se organizar.

Entrevistador(a): Como era feita a escolha dessas comunidades? Era uma coisa mais intuitiva ou tinha critérios? Como era que se dava?

Rita: O MEB foi criado pela CNBB, que é a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e que era a responsável por esse movimento. No início, para a escolha da comunidade havia um contato do supervisor com o padre, que dava uma colaboração muito grande, porque ele era a pessoa que mais tinha contato com aquelas regiões, com os povoados. Posteriormente, depois de um estudo mais aprofundado sobre o índice de analfabetismo, passamos a priorizar aquelas comunidades com um maior número de analfabetos.

Entrevistador(a): Como era mesmo o trabalho do MEB?

Rita: O trabalho do MEB era feito através das escolas radiofônicas. Tratava-se de um sistema rádio-educativo, que compreendia uma rede de recepção organizada das emissões radiofônicas. Para a implantação de uma unidade

de recepção organizada era necessário: o estudo da área; a escolha do monitor; a instalação de um receptor cativo, alimentado a pilhas, ajustado à frequência da emissão que transmitia os programas e por fim, a escolha do local de funcionamento da escola. O monitor-voluntário, reunido com os alunos, escutava a professora locutora que ficava dando todas as orientações para ele durante o tempo de emissão da aula. As informações eram intercaladas com um fundo musical, ocasião em que os monitores aproveitavam para atender aos alunos individualmente ou discutir a temática sugerida pela comunidade e/ou pela professora locutora.

Entrevistador(a): Os alunos e os monitores acompanhavam a transmissão de uma única emissora para todo o estado?

Rita: A emissora responsável pela transmissão de Fortaleza era a rádio Assunção, que tinha uma ação sobre determinado número de municípios. Já em Sobral, era outra, no Crato era outra e em Limoeiro do Norte, outra. Então, não era uma aula única pra todo o estado, entende?

Entrevistador(a): Ritinha, quem ficava com os alfabetizando era o monitor. Como era a formação desse monitor?

Rita: Fazia-se da seguinte maneira: a gente chegando na comunidade ou povoado visitava as casas, conversava com os moradores e começava a explicar o que eram as escolas radiofônicas, por que era que nós estávamos ali naquele momento e o que a gente pretendia fazer. Falava-se da escola e explicava-se como eram feitas essas aulas. Depois dessa visita durante o dia, à noite, a gente convidava as pessoas para uma grande reunião. Antes dessa reunião, a gente passava com um carro com alto falante convocando todas as pessoas que pudessem, quisessem e se interessassem em participar dessa reunião, onde se falaria do projeto de alfabetização do MEB e se explicariam os seus objetivos. Inicialmente, as pessoas eram indagadas sobre seu interesse

em se criar uma escola radiofônica naquela comunidade. Em seguida, a gente falava que precisava de uma pessoa que fosse alfabetizada e que seria preparada para ser o monitor dessa escola radiofônica. Nessa reunião, o monitor era indicado pela comunidade. Depois, ele deveria participar de um treinamento que a gente fazia durante mais ou menos uma semana, em regime de internato. A gente discutia sobre a realidade vivida por eles, as dificuldades que eles enfrentavam e a situação do país como um todo. Do processo de formação, eles saíam preparados para assumir a função de monitor. Todos passavam por um exercício prático de monitoria. Por exemplo, a gente levava uma aula gravada e aquela aula era assumida por vários deles que passavam por essa experiência. Era tipo um sociodrama, uma dramatização que se fazia, onde uns atuavam como monitor e os outros como alunos. Em seguida, era analisada a forma como o monitor havia se conduzido, o que me leva a relacionar com a formação pedagógica do Alfabetizar(se). Em ambas as experiências tudo era feito a partir da vivência.

Entrevistador(a): Pois, Ritinha, aproveita que você está falando desse assunto e tenta fazer uma análise dessas duas experiências em relação a esse aspecto da formação dos alfabetizadores.

Rita: No MEB, após a aula dada pelo monitor no treinamento, era feita uma análise pela equipe de supervisão e o grupo de monitores. O mesmo ocorria após a visita da supervisão às diversas escolas radiofônicas. Em geral, as observações eram divulgadas através do rádio, quando os monitores tinham um retorno de seu trabalho, sentindo-se valorizados na sua ação que era muitas vezes elogiada e destacada. Havia também uma correspondência sistemática do monitor com a sede. Chegavam inúmeras cartas. A gente se baseava nelas e respondia nas aulas radiofônicas, porque elas traziam as dúvidas e dificuldades deles. Por exemplo, se o tempo era muito curto ou se, às vezes, o monitor não estava

conseguindo fazer o aluno superar alguma dificuldade. Então, isso tudo era trazido, a gente respondia e continuavam assim os contatos permanentes. No Alfabetizar(se), eu, igualmente, testemunhei e participei de um processo similar, onde os alfabetizadores eram visitados pela equipe de coordenação e as aulas eram posteriormente analisadas, diante de todo o grupo, nos encontros semanais que se convencionou chamar de formação continuada. As observações feitas e as trocas de experiências enriqueciam o grupo como um todo e, em certos momentos, forneciam elementos para se repensar alguns aspectos da programação.

Entrevistador(a): Quer dizer que era feita uma avaliação contínua?

Rita: Exatamente! No MEB, como já foi dito anteriormente, essa avaliação era feita na própria sala de aula, no momento em que a supervisão fazia suas visitas. Tudo o que acontecia na sala era avaliado: como a temática era trabalhada, como o monitor conduzia a aula, como se davam as discussões sobre a problemática social vivida por eles. Havia uma forte preocupação em aproveitar o espaço da aula para ir conscientizando os alunos paralelamente ao trabalho de alfabetização. Existiam momentos em que os alunos trabalhavam especificamente questões voltadas para a escrita e a leitura. No Alfabetizar(se), igualmente, a avaliação era feita durante todo o processo, tanto através das observações feitas após as visitas, como por ocasião dos estudos teóricos quando os próprios alfabetizadores sugeriam temas para palestras ou estudos a partir das necessidades sentidas. Uma grande diferença que eu vejo entre a experiência do MEB e do Alfabetizar(se) diz respeito à ênfase dada à alfabetização.

Entrevistador(a): Como assim? Em que sentido?

Rita: Porque a alfabetização para nós que fazíamos o MEB era importante, mas era como Paulo Freire colocava, um

instrumento de conscientização, entende? Quer dizer, tinha todo um trabalho de alfabetização, mas ninguém se preocupava muito com o tempo que a pessoa precisava para se alfabetizar. Eles aprendiam a ler e a escrever, mas o mais importante era se servir desse instrumento para uma maior conscientização, para que eles pudessem lutar pela resolução de seus próprios problemas. A diferença está no processo de alfabetização em si. No Alfabetizar(se), desenvolveu-se um trabalho inspirado no ideário pedagógico de Paulo Freire, articulado às descobertas da psicogênese da língua escrita, a partir das contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

Entrevistador(a): No Alfabetizar(se), o professor alfabetizador era um universitário com uma formação acadêmica razoavelmente boa. Na experiência do MEB, o monitor muitas vezes era apenas alfabetizado e com uma escolaridade limitada, não é mesmo? Como foi possível, então, desenvolver um trabalho que utilizava o ensino da leitura e da escrita como um instrumento de conscientização?

Rita: A exigência para ser monitor era saber ler e escrever e era o que a gente podia obter na maioria das localidades. Em algumas reuniões, eu me lembro mesmo que eles diziam assim: mas se fulano não aceitar, nós não vamos ter escola radiofônica porque não tem ninguém mais aqui que saiba ler e escrever. Só tem fulano. Então, eu penso que o que garantiu o sucesso do trabalho no MEB foi o envolvimento das pessoas que coordenavam e que acreditavam na importância do trabalho, aliado à real necessidade da população. Outra coisa que eu queria destacar era o respeito ao aluno, às suas necessidades que foi uma constante no trabalho. Gostaria de ler, para vocês, o que diz a Vera Jaccoud,¹⁴ que foi a coordenadora do MEB a nível nacional:

¹⁴ COSTA, Maria Aída Bezerra, JACCOUD, Vera e COSTA, Beatriz. *MEB: uma história de muitos*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 98.

A proposta de conscientização foi resultado de um processo, consequência inclusive de uma aprendizagem nossa na relação com o povo. Nunca houve uma palavra de ordem central que não tivesse vindo das necessidades que estavam sendo vividas. E não foi o MEB que inventou as necessidades do povo. O povo transmitiu as suas necessidades e o MEB tentou interpretá-las através do seu trabalho.

A gente sabe que, em muitas comunidades, o MEB formou lideranças locais que chegaram a ter uma grande influência política, a entrar no sindicato, candidatar-se a vereador inclusive... Nós temos exemplos de monitores que chegaram a dar aula em treinamento. A gente convidava o monitor que já fazia parte da equipe de formação para ele participar do processo de treinamento. Então, havia uma grande evolução, não?!

Entrevistador(a): Rita, nós gostaríamos que você tentasse descrever como era uma aula do MEB.

Rita: É uma pena eu não ter aqui comigo um *script* de uma aula que era dada através da escola radiofônica. No início, não se tinha uma cartilha. O próprio Paulo Freire rejeitava o uso da cartilha porque ele achava que ela limitava. O aluno devia estar muito mais livre, sem ficar preso a um conteúdo determinado. Existiam momentos na aula onde a professora locutora fazia uma espécie de narração de um assunto escolhido, como, por exemplo, a questão da saúde, a importância de você ter cuidado com a saúde através do uso da água, a importância disso para evitar doenças. A professora locutora abordava um tema dessa ordem e dava um intervalo para que o monitor, naquele momento, perguntasse aos alunos o que eles achavam do que tinha sido falado, se a professora locutora tinha razão, se eles concordavam com ela, se o que estava sendo discutido em sala de aula poderia dar algum resultado, se a comunidade tinha condições de cuidar disso, se não tinha, o que se poderia fazer. Então, isso tudo era feito durante esse tempo

da aula radiofônica. Quando a professora locutora usava um tema, ela já tinha para leitura e para escrita, palavras que eles iam estudar relacionadas a esta temática e que faziam parte do universo vocabular daquelas comunidades.

Entrevistador(a): Ritinha, você descreveu a aula radiofônica, agora descreva como era sua aula no Alfabetizar(se).

Rita: No Alfabetizar(se), eu só dava aula duas vezes por semana.¹⁵ Eram umas cinco horas de aula por semana. Muito pouco, não? Mas, era um momento bem intenso. Eu aproveitava meus finais de semana na praia, e, das 15h às 17h, era sagrado. Eu tive inicialmente cinco alunos, mas no final fiquei com dois e o filho de um deles de seis anos, que continua assistindo às aulas até hoje (*risos*). O menino está lendo. É impressionante! Fico boba! Mas também ele tem um reforço já que assiste aula na escola regular do povoado.

Entrevistador(a): Certo. Mas como é que era a aula?

Rita: Por exemplo, aproveitei a viagem que eu fiz de férias e quando eu voltei perguntei se eles sabiam onde eu tinha passado os dois meses que eu havia deixado de dar aula. Eles falaram que eu tinha ido para a França. Então, eu perguntei se eles tinham uma idéia de onde era a França. Peguei o *mapa mundi*, mostrei os continentes e foquei principalmente a Europa e a América do Sul. Pedi, em seguida, para que eles descobrissem ali onde é que estava o Brasil. E, como tinham falado da França onde é que estava localizada a França, na Europa. Aí, eles conseguiram identificar os dois países. Verificaram que cada país no mapa tem uma cor diferente, acharam que a cor do Brasil era muito grande, tomava muito espaço e aquilo ali mostrou a

¹⁵ As aulas junto aos alfabetizandos do programa Alfabetizar(se) funcionaram três vezes por semana, totalizando 9 horas semanais. No caso específico da professora Rita, dadas as características a seguir relatadas, elas se estruturaram de maneira diferente.

diferença de tamanho entre os dois países. Expliquei também que a França é 16 vezes menor do que o Brasil, qual é a língua que se fala lá e a diferença de clima. Então, teve toda uma discussão em função da geografia, da questão das distâncias e o tipo de transporte que uma pessoa precisa utilizar para ir do Brasil à França. Que outros países existem na Europa e na América do Sul. E quanto ao tipo de transporte utilizado para um percurso tão longo, eu me lembro que a aluna falou que achava que era de trem. O outro aluno não concordou. Aí eu falei: vamos analisar isso. Observem no mapa, esses dois continentes estão juntos ou estão separados? Se estão separados, o que é que separa os dois. É o mar, não é? Então, em que tipo de transporte eu posso ir? O aluno falou: ou é de navio ou é de avião. Eles quiseram saber quantas horas se leva para ir até lá. Foi muito interessante. Quer dizer, foram dados esses elementos novos e eu aproveitei para fazer exercícios de leitura e escrita sobre esta temática. Em seguida, dada a ausência de dois meses, resolvi fazer uma recapitulação do que fora aprendido nos meses anteriores. Aí eles foram dizendo: os meses do ano, os dias da semana, os nomes das pessoas da família, a idade, coisas que a gente tinha discutido, eles foram se lembrando aos poucos e dizendo. Eu anotava aquilo no quadro e eles iam lendo também. Terminei perguntando que diferença eles achavam entre essas aulas que eles estavam tendo comigo e as aulas que eles já tinham tido oportunidade de ter. Porque tanto um como outro já tinha passado por uma escola. A aluna disse: aqui a gente não copia. Eu achei excelente. O aluno disse: eu acho também que são muitas coisas. Eu penso que ele quis referir-se a essa variedade de assuntos e de materiais utilizados, porque em cada aula trabalhava-se uma coisa diferente: um poema, uma reportagem, um recorte de jornal, uma revista. Usei muito a "Rivista" do Mino, onde eles faziam a interpretação da história em quadrinhos e depois a gente ia ler o que estava escrito em cada quadrinho. Outros textos foram

trabalhados: *O Operário em Construção* e *A Casa*, de Vinicius de Moraes, *A Pombinha da Mata*, de Cecília Meireles, *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade. Ultimamente, também eles viram a diferença entre um texto em prosa e uma poesia. Também começaram a identificar o autor de cada texto. Os dois alunos já estão lendo. Isso é que eu achei impressionante porque apesar desse tempo de dois meses sem aulas, eu acho que eles não esqueceram, porque o que eles aprenderam ficou.

Entrevistador(a): Como é que você avalia isso?

Rita: Eu avalio pelo progresso deles. Em nenhum momento, eles vacilaram. Estão avançando apesar de terem apenas 5 horas/aula por semana. O fato de terem respondido, prontamente e com segurança, sobre todas as questões colocadas indica que eles realmente assimilaram. Em todo o processo houve um respeito do professor ao nível em que cada aluno se encontrava e uma paciência com o tempo necessário às descobertas e aprendizagens de cada um.

Entrevistador(a): Rita, gostaria que você tentasse destacar os pontos comuns ou convergentes das duas experiências.

Rita: Inicialmente, eu gostaria de lembrar que, nas duas experiências a educação não era considerada um dogma. Outros pontos convergentes seriam: a idéia da aprendizagem na troca, o respeito mútuo, o hábito da revisão permanente, a preocupação com o estudo e a liberdade de criar, o uso de material relacionado com a realidade de vida do aluno. Ambas as experiências basearam-se no ideário pedagógico de Paulo Freire.

Entrevistador(a): No MEB e no Alfabetizar(se), não era utilizado livro ou cartilha. Como você analisa isso? Quais as conseqüências da ausência de livro didático no processo de aprendizagem da leitura e escrita?

Rita: A metodologia de trabalho do MEB e do Alfabetizar(se), por seguir a orientação pedagógica de Paulo Freire, como já foi mencionado, dispensava livros ou cartilhas. As aulas eram montadas em unidades temáticas e os textos trabalhados nas salas de aula eram significativos para os alfabetizandos, por serem selecionados a partir de sua realidade de vida. Vale registrar, contudo, que, no final da experiência do MEB, foi criada uma cartilha – *Viver é Lutar*, elaborada a partir da situação existencial dos alfabetizandos, mas que não foi utilizada por mais de quatro meses, em nenhum lugar, porque foi confiscada pelo governo da ditadura militar.

Entrevistador(a): Como você avalia o domínio da leitura e da escrita nas duas experiências?

Rita: No caso do MEB, não se dava muita ênfase à questão da alfabetização propriamente dita. A gente queria que eles aprendessem a ler e escrever, mas era muito mais como instrumento para eles lutarem por seus direitos, para superar as dificuldades do dia-a-dia. Enfim, pela recuperação de sua cidadania. O trabalho com um grupo como aquele, com uma situação socioeconômica precária, levava a uma análise do cotidiano com suas injustiças e as discussões conduziam, naturalmente, a um posicionamento político. Na experiência do Alfabetizar(se), o resgate da cidadania também era o norte e a condução do processo, a escolha do material, a postura do alfabetizador, tudo indicava a preocupação com o social. Neste programa, foi muito mais fácil fazer uma avaliação da aprendizagem do aluno. As contribuições da psicogênese da língua escrita e a proximidade do professor facilitaram o acompanhamento do processo de aquisição da língua escrita de cada alfabetizando.

Entrevistador(a): O que o Alfabetizar(se) trouxe de novo no seu trabalho de alfabetizadora?

Rita: Sinto que o Alfabetizar(se), ao basear-se nas contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, representou um avanço no que se refere à compreensão do processo de aquisição da língua escrita. O fato de centrar o ensino na lógica do alfabetizando, isto é, de procurar entender os processos individuais de aquisição da língua escrita, representou um avanço que pode ser resumido esquematicamente no seguinte: o foco passa a ser as elaborações do alfabetizando em contraposição a uma certa lógica presumida da ordem em que se ensina. A questão central desloca-se do como ensinar para o como se aprende, ou, melhor dizendo, o como ensinar se funda no como se aprende.

Entrevistador(a): Na sua opinião, qual a diferença entre a proposta pedagógica do MEB e as demais experiências de alfabetização da época? O que diferenciou o trabalho de vocês do trabalho que, convencionalmente, vinha sendo feito?

Rita: Eu acho que tinha muita diferença. A própria postura do monitor. A atitude de respeito ao aluno, de aproveitamento e valorização de suas experiências de vida na sala de aula, o fato de se partir sempre de temáticas significativas para o grupo de alfabetizandos. Em uma sala de aula tradicional, não se dava importância a isso. O monitor estava atento e preparado para valorizar a participação do aluno. Eu acho que essa foi uma grande diferença. Nesse sentido representou um avanço. Agora é preciso que se diga que trabalhávamos com uma infra-estrutura bem precária porque, não raro, eram aproveitados alpendres, não se tinham carteiras, e, freqüentemente, se trabalhava à luz de lampião e os alunos sentavam-se na cadeira com um pedaço de madeira que servia de apoio. O quadro, a gente dava porque todo o material era fornecido pelo MEB: o radioreceptor, os cadernos, o lápis etc. O livro não, porque nós não tínhamos livro. Quando a cartilha do MEB foi preparada, nos finais de 1964, o MEB do Ceará só a utilizou por uns dois meses porque ela foi toda apreendida.

Entrevistador(a): Com o golpe em 64, a experiência foi esmagada.

Rita: Esmagada. A gente ainda continuou dando aula, mas aí houve um processo de censura muito grande. A professora locutora passou a falar muito menos do que falava antes. Anteriormente, ela dava muito mais elementos para o monitor e com a censura ela teve que cortar muito e isso foi dificultando o trabalho. O monitor foi tendo mais tempo para ele e menos participação da professora locutora. Começou a haver um processo muito grande de censura e as aulas eram interrompidas. A Felícia Moraes, da equipe local de Recife lembra que

(...) a nova aula era, praticamente uma coisa assim: a gente começava, falava pouquíssimo e ia dando um espaço para o monitor (...) para ele usar com os alunos. Fazíamos um treinamento para isso e o resto ele desenvolvia. Assim, nós fomos passando a bola para eles. O resultado foi uma coisa doida: percebemos que os monitores tinham uma capacidade de alfabetizar, de debater e de transmitir as idéias deles, muito superior à que podíamos pensar.¹⁶

Houve muitos desses problemas aqui. Em outros lugares foram presos monitores, os radiorreceptores foram confiscados. E como disse muito bem Aída, da equipe estadual de Pernambuco:

A maneira de nos afogar não foi só a pressão interna. Foi também a redução dos recursos financeiros. Reduziram tanto que chegou um momento em que não se podia mais fazer encontros, treinamentos, supervisões. Tudo foi diminuindo até chegar a um imobilismo inviável. As formas de contato direto foram cerceadas. Veio a impossibilidade de agir enquanto movimento.¹⁷

¹⁶ COSTA, Maria Aída Bezerra, JACCOUD, Vera e COSTA, Beatriz. *MEB: uma história de muitos*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 81.

¹⁷ Idem. *Ibidem.*, p. 113.

Entrevistador(a): Uma das locutoras daqui foi presa.

Rita: Foi.

Entrevistador(a): Eu teria uma última perguntinha... Você falou que, na época do MEB, você trabalhava até fim de semana, sábado, domingo na comunidade vivendo com eles. Então, eu senti assim uma paixão muito grande aí. E hoje eu vejo que você, nos seus fins de semana, vai para Fleixeiras e, em vez de estar descansando, se envolve com os alunos e tem um trabalho... É entusiasmada... A partir disso, me ocorreu perguntar, você diria que a paixão é um elemento presente nas duas experiências?

Rita: Eu acho (responde a entrevistada bastante emocionada).

Entrevistador(a): O que você teria a dizer 40 anos depois da experiência do MEB? Você continua alfabetizando, utilizando os instrumentos que a ciência nos trouxe, de poder acompanhar a evolução de jovens e adultos na alfabetização. Quarenta anos depois, nós lutamos ainda com altas taxas de analfabetismo, com cerca de 17 milhões de brasileiros acima de 15 anos não alfabetizados. Quer dizer, em 40 anos, o drama continua... O MEB pretendia, na época, se não tivesse tido aquela ruptura de poder, avançar como outros países já avançaram, como Cuba, por exemplo. Como é que você explica que, 40 anos depois, nós nos encontramos ainda nessa situação?

Rita: É difícil responder, mas eu acho que o problema continua e são muitas as causas da permanência de altas taxas de analfabetismo. Penso que é necessário primeiramente vontade política não só das autoridades, mas também de toda a sociedade.

Entrevistador(a): Falta vontade política para resolver o problema do analfabetismo?

Rita: Eu acho. Porque com tantos anos e continuar ainda esse índice bastante elevado é porque ainda não se fez o necessário... Eu acho até que o MEB não seria a solução para resolver a questão do analfabetismo, mas se ele tivesse continuado junto com os esforços de toda a sociedade naquela época, como os Movimentos de Cultura Popular, dentre outros, teria avançado bastante em termos de resultados. Se existem hoje tantos programas de alfabetização de adultos, como se entende que continuemos com altas taxas de analfabetismo? É a questão que se coloca...